



BRINCAR E GUARDAR: CAMINHOS INTERPRETATIVOS PARA UMA COLEÇÃO DE BRINQUEDOS NO MUSEU PARANAENSE

Martha H. L. Becker Morales¹⁰⁶

RESUMO: Em 2014, o Museu Paranaense recebeu duas doações compostas por brinquedos. Estas coleções abrangem ferroramas, bonecas, miniaturas, jogos de chá, quebra-cabeças, enfim – peças com as mais variadas tipologias materiais, cores e tamanhos. Artefatos como estes evocam muitos sentimentos nostálgicos associados por adultos à infância, porém logo surgiu a questão de como incorporar estas coleções no circuito expositivo indo além da mera estética de uma cultura material fortemente marcada pelos avanços na produção industrial em massa de meados do século XX. Dessa forma, foi constituído o Grupo de Trabalho em Cultura Material e Infância, formado por técnicos da instituição e universitários de Curitiba, com o intuito de promover um estudo deste acervo como objetos culturais cuja produção foi imbuída dos valores de seus idealizadores, das concepções acerca da criança de uma época e de um projeto de formatação dos modos de vida – especialmente na atribuição dos papéis de gênero. No entanto, considera-se também a recepção destes brinquedos como objetos de consumo que ultrapassaram o universo infantil e, findas as brincadeiras, foram guardados e convertidos em semióforos. Sendo assim, este trabalho propõe compartilhar os caminhos interpretativos percorridos, lidando com a materialidade da infância do século XX, com o objetivo ulterior de musealizar a intangibilidade dos sentidos encontrados em algo de tão fácil reconhecimento quanto um carrinho de fricção ou um pequeno par de sapatos de plástico. Nesta familiaridade, reside uma multiplicidade de apropriações e circulações de coisas e saberes que nem sempre uma vitrine de museu torna perceptível, aí está o grande desafio a ser debatido.

Palavras-chave: Coleção; Brinquedo; Museu.

¹⁰⁶ Doutora em História (Universidade Federal do Paraná). INDEX Informação Integrada/ Museu Paranaense. Contato: mhlbecker@gmail.com





Introdução

Um museu pode se denominar ‘de história’, ‘de ciências’, ‘itinerante’, ‘de arte’, dentre muitas outras formas. Em última instância, porém, um museu é definido por aquilo que guarda, estuda e expõe: seu acervo. O Museu Paranaense, localizado em Curitiba, Paraná, ao longo de seus 139 anos de existência foi caracterizado por coleções tradicionalmente associadas aos grandes museus nacionais da virada do século XIX para o XX, com uma ênfase inicial nas Ciências Naturais, um espaço significativo para Arqueologia e Etnografia e uma forte presença de itens da História Militar. Ainda assim, o ecletismo sempre marcante das aquisições desta instituição vez ou outra abriu margem a várias possibilidades interpretativas, hoje, mais do que nunca, exploradas diante das novas propostas museológicas para narrar o passado.

Recentemente, a doação de dois conjuntos materiais profundamente ligados ao universo infantil se apresentou como uma oportunidade interessante para exercitar os diferentes níveis de atuação do museu e torná-la uma situação de aprendizagem tanto para a equipe quanto para pesquisadores voluntários. Foi grande o volume de miniaturas, bonecas, roupas, jogos, livros educativos e cadernetas de atividades, em excelentes condições de preservação, entregue aos cuidados da instituição, sobretudo associado à primeira metade do século XX. Dessa forma, foi instituído o Grupo de Trabalho em Cultura Material e Infância com o intuito de explorar com profundidade o processo de inserção destes objetos nas atividades expositivas, educativas e sociais do Museu Paranaense. Este artigo visa delinear alguns preceitos básicos que fundamentaram as discussões do GT e apontar os caminhos escolhidos para o estudo e a divulgação deste acervo no contexto museal.

O museu como lugar de brinquedos

Desde finais da década de 1980, com a publicação do *Thesaurus para acervos museológicos* de Ferrez e Bianchini (1987), brinquedos são documentos museológicos incontestes, categorizados junto ao Lazer/Desporto, embora não escape às autoras a





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.
ISSN: 2178-1761



complexidade própria destes que se confundem com os artefatos em escala reduzida que poderiam ter outra função, alheia ao divertimento infantil. No entanto, tais objetos compõem acervos de museus desde muito antes, como indica Guedes (2003) no que se refere aos brinquedos do Museu Histórico Nacional, por exemplo, coletados nos primeiros anos de funcionamento da instituição.

O objeto identificado como brinquedo apresenta uma dualidade interessante ao museu, uma vez que sua conotação aparentemente infantil evoca também no público adulto uma série de sentimentos de afeto, de nostalgia, de estranhamento, de curiosidade, de empatia; estas múltiplas sensações do visitante (seja ele adulto ou criança) facilita seu envolvimento com a história que o circuito pretende contar, potencializando o impacto reflexivo de uma exposição bem planejada. Neste contexto, mesmo a ausência de alguns tipos de objetos, a falha em representar certos sujeitos ou a invisibilidade de memórias esquecidas podem ser exploradas como pontos de contraste às vitrines preenchidas por conjuntos materiais específicos de determinados grupos sociais ou culturais. A interpretação depende, enfim, da proposta efetivada pela experiência na visita.

Se muitas lacunas são encontradas nas coleções museológicas, há igualmente muito a ser explorado em cada uma delas – conforme Pereira (2009), por exemplo, todo brinquedo carrega em si a época na qual foi produzido, o mundo que o gerou, a educação que propunha, um projeto de sociedade. Aliás, não são poucos os autores que argumentam o quanto a história da moda e da tecnologia está documentada em bonecas e carrinhos, especialmente do século XIX em diante. Isto é especialmente válido para os brinquedos industrializados, acompanhados de uma infinidade de dados complementares – transformados em fontes pelos historiadores – tais como anúncios em jornais, estatísticas dos fabricantes, campanhas publicitárias e a utilização de todo o potencial midiático com histórias em quadrinhos, animações e filmes.

O perfil das coleções doadas ao Museu Paranaense está enquadrado neste período de profusão de informações, situação ideal a princípio, entretanto a questão que se colocou foi, acima de tudo, qual história gostaríamos de contar? Enquanto uma instituição comprometida em explorar as narrativas da ocupação do atual território paranaense, de que maneira um conjunto de brinquedos poderia contribuir e acrescentar?





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.

ISSN: 2178-1761



Deste modo, a criação de um Grupo de Trabalho centrado no estudo deste acervo em especial partiu da constatação que “muitos dos brinquedos são fabricados para ‘ensinar’ comportamentos, gestos, atitudes, valores considerados ‘corretos’ em nossa sociedade” (VOLPATO, 2002, p. 220), formatando a experiência da infância enquanto uma espécie de projeto. Inserido neste projeto, seria possível tangenciar os ideais do mundo adulto, a atribuição de papéis de gênero, a pedagogia e a civilidade, em suas manifestações histórica e geograficamente localizadas. Contudo, conforme esclareço a seguir, a problematização da infância e sua cultura material que pretendeu explorar as novas aquisições terminou como uma incursão ao acervo preexistente e suas vocações dialógicas.

O Grupo de Trabalho em Cultura Material e Infância

Desde o início, o objetivo do GT foi problematizar conceitos que tomam a infância e seus artefatos como naturalizados e universais. Isto se deveu à consciência de que o conjunto material com o qual estávamos lidando era bastante específico: brinquedos, sobretudo industrializados, que pertenceram a três gerações de crianças de uma família de imigrantes europeus com boas condições financeiras, ao longo do século XX. Dessa forma, as discussões deveriam ser complementadas por uma bibliografia que levasse em consideração outras crianças e seus brinquedos, em situações distintas, inseridas em grupos distintos, de outras épocas e outros lugares. Por mais que as lacunas persistam, o GT se constituiu sobre um ideal de compreensão da pluralidade que permeia o passado e com a finalidade de transpô-la ao público visitante.

O levantamento bibliográfico no qual as discussões se pautaram foi beneficiado pela emergência da infância como tema de estudos multidisciplinares nos últimos anos (CASTRO, 2007). Autores de diferentes áreas entraram em consenso ao tomá-la como um fenômeno social e cultural a ser estudado com atenção às particularidades de cada contexto. As muitas possibilidades de recorte foram delimitadas a cinco temáticas, exploradas em debates quinzenais no primeiro semestre de 2015, como forma de direcionar as atividades iniciais do GT:





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.

ISSN: 2178-1761



1. Infância como construção, conceito: criança(s) no tempo e no espaço
2. Cultura material e imaterial: musealização do intangível
3. Séculos XX e XXI: musealização do passado recente e do presente
4. Perspectiva de gênero na construção (material e imaterial) da infância
5. Relação adulto(s) X criança(s): educação e disciplina na cultura material

Conforme o esperado, cada temática desdobrou-se em uma série de preocupações paralelas, como, por exemplo, a questão da brincadeira como uma atividade que não se limitaria à infância. De acordo com Tavares,

Quando um adulto penetra na esfera do divertimento, ele o faz tentando evadir-se da realidade, fugindo dos padrões de comportamento que a sociedade lhe impõe. Ao contrário, quando uma criança brinca, ela está mergulhando de corpo e alma no mundo que a rodeia, pois é na situação do faz-de-conta que a criança se relaciona com o real e se prepara para o desempenho de papéis sociais. (TAVARES, 2004, p. 17)

Sendo assim, o alcance da brincadeira, enquanto ação, e do brinquedo, enquanto objeto mediador da ação, extrapola o universo infantil, mas é neste universo que se configura um processo de aprendizagem, de inserção no meio em se vive. Considerando o acervo em questão, esta inserção é também mediada pela indústria produtora do brinquedo e pelo adulto responsável por sua compra, direcionando os interesses da criança que o recebe.

Os adultos apontados como os responsáveis pela imposição da cultura material às crianças definiriam, assim, a adequação da escolha e do manuseio dos brinquedos (BROOKSHAW, 2010). Os escritos de Michel Foucault são mencionados pela historiografia, não raro, para exemplificar o exercício de poder sobre os corpos a serem disciplinados, incluindo neste sentido os brinquedos cuja função abarca a intenção de controlar e tornar dóceis e produtivos seus usuários (vide LEMOS, 2007). De fato, esta é uma observação sustentada pela variedade de objetos educativos encontrados ainda hoje à venda em lojas especializadas, acompanhados de uma série de recomendações profissionais e seus respectivos estudos psicossociais. No entanto, é fundamental





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.

ISSN: 2178-1761



considerar a agência da criança enquanto um ser social próprio, mais do que um prolongamento de seus pais ou um adulto incompleto. Pereira (2009, p. 6) destaca que “as crianças transgridem o suposto conteúdo do brinquedo: utilizam-no de forma não pensada pelo seu fabricante, encantam-se com detalhes que pareciam secundários, inventam novos usos, os destroem a fim de encontrar sua alma”, ou seja, por mais categorizado que um brinquedo se apresente, a imaginação da criança pode sempre surpreender – situação que desafia a leitura proposta por Walter Benjamin e perpetuada por vários autores que lamentam a morte da criatividade infantil nas mãos do brinquedo industrial capitalista.

Estes são apenas alguns exemplos das questões que emergiram em meio a leituras, estudos de acervo e debates conduzidos por pessoas de trajetórias acadêmicas distintas – história, antropologia, arqueologia, artes e psicologia. Para os fins deste texto, enfatizo o brinquedo como um objeto de grande interesse museológico, devido à gama de possibilidades que este apresenta a ser exploradas, mas também enquanto um semióforo de especial significado para uma instituição que lida com memórias e sentimentos.

Brinquedo infantil, fonte de pesquisa e semióforo: biografias materiais

Para definir o escopo de atuação do GT foi importante compreender que a cultura material relativa à infância não se limita ao objeto brinquedo. Segundo Romero (2010), crianças em geral manipulam (e, às vezes, produzem) três tipos de artefatos: peças para brincar, réplicas de objetos em menor escala e peças do universo material adulto. Devem-se acrescentar, também, os objetos próprios da maternidade, nem sempre essenciais às crianças, mas a elas associados. Ou seja, tomando *infância* como um conceito amplo, culturalmente relativo, e *cultura material* como uma noção tão abrangente quanto, englobando uma infinidade de manifestações concretas, o GT parecia propor-se a uma missão irrealizável. Todavia, a amplitude do nome denotava os caminhos ainda desconhecidos que seriam trilhados, conforme se manifestaram interesses de pesquisa, dúvidas e curiosidades entre os membros. Em comum, apenas o acervo – os brinquedos.

A liberdade experimentada no trabalho com este acervo, que permitiu ao GT aspirar à tamanha amplitude, se deve à extensa biografia cultural atribuída a estes brinquedos.





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.

ISSN: 2178-1761



Kopytoff (2004) argumenta que objetos são entidades culturalmente construídas, assim como o são seus significados e suas muitas classificações e reclassificações, permitindo pensar suas trajetórias biográficas como histórias dotadas de incertezas e valores transitórios.

Volpato (2002) afirma, lembrando Benjamin, que não são poucos os objetos de culto mais antigos que foram transformados em brinquedos, ressignificados e reformatados. De certa forma, qualquer objeto pode virar brinquedo – improvisados, desenhados, reconstruídos; novamente a agência é um fator a ser considerado, basta que se dê crédito ao poder imaginativo e criativo da criança. E, assim como a cultura material da infância é mais do que o brinquedo, o brinquedo é mais do que a cultura material da infância – adultos colecionam estes objetos ou guardam seus brinquedos antigos com afeto. Os brinquedos que chegaram ao museu foram guardados, e com muito cuidado preservados no seio familiar, conservados apesar da passagem das gerações, das muitas mãos que os manipularam. Mas houve aqueles – improvisados, desenhados, reconstruídos, repito – que não sobreviveram, por serem frágeis, efêmeros, por terem sido esquecidos, perdidos, quebrados.

Além disso, Guedes (2004, p. 39) observa que “a maioria das pessoas tem a tendência de doar brinquedos usados para obras de caridade ou até jogarem foram”, situação que a autora atribui ao desconhecimento que a população tem com relação ao interesse dos museus em suas vivências infantis. Isto também reflete a percepção difundida entre a população de que museus históricos acumulam objetos de estética mais artística ou muito antigos, associados a determinados personagens.

Porém, as renovações do pensamento das Ciências Humanas e Sociais na segunda metade do século XX incluíram a ampliação do que significa “objeto de museu”, provocando uma alteração profunda em políticas de aquisição antes conservadoras e elitistas. Portanto, se há uma tendência em áreas como a Pedagogia em valorizar brinquedos populares, que se valem da reutilização do lixo ou são confeccionados à mão com materiais simples (SOUSA; MELO, 2009), esta também se apresenta nas instituições de memória que pretendem direcionar suas práticas preservacionistas para as





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.

ISSN: 2178-1761



manifestações mais fugazes e intangíveis – neste caso, as brincadeiras de rua, os jogos de improviso.

O ponto ao qual quero chegar é a alteração nos valores e significados de um objeto como a boneca, por exemplo. Historicamente, é possível resgatar toda uma trajetória da figura antropomorfa como símbolo de fertilidade, de coragem, de saúde. Como objeto de culto, pode ter usos xamânicos, pode proteger do mal, pode infligir o mau. A anatomia é motivo de debate, a intencionalidade de suas formas ocultadas ou acentuadas denota os objetivos de sua feitura. Industrializada, carrega um projeto mercadológico, uma proposta publicitária, uma imagem associada, talvez um nome e uma profissão. Tornada brinquedo, pode ter cunho educativo, pode ser signo de afeto, pode ter o cabelo cortado, o corpo costurado, pode ser recomposta. Guardada, pode significar a lembrança de uma data, de um parente, de uma fase da vida. Descartada, pode ser lixo. Resgatada do fundo de um baú esquecido, doada ao museu, torna-se semióforo.

Conforme Pomian (1984), semióforos são aqueles objetos protegidos, conservados ou reproduzidos; ações definidas pelo interesse manifestado por determinados grupos sociais. Junto ao ímpeto das atitudes que mantêm esta cultura material em estado privilegiado, continua, firmaram-se as disciplinas que ‘descobrem’, ou melhor, constroem novos semióforos, teorizando sobre sua classificação, sua datação e sua hierarquização. A princípio, mesmo antes da chegada dos brinquedos no acervo do museu há, em alguns casos, a sua transformação em semióforo, devido ao cuidado despendido em favor de sua preservação. Entretanto, é no museu que esta atribuição ganha caráter público e coletivo, o brinquedo deixa de ser significativo para um indivíduo para atuar como representante de toda uma classe, de uma etnia ou de uma localidade.

Em suma, o objeto classificado como brinquedo, tornado fonte historiográfica e sacralizado pelo museu apresenta uma biografia muito rica ao pesquisador. Não apenas seus significados são múltiplos como podem diferir de objetos semelhantes, devido ao cuidado que lhe foi dedicado. Reconhecida essa incerteza e valorizados os caminhos que trouxeram este acervo até o Museu Paranaense, o maior desafio, talvez, se apresenta: como musealizar significados intangíveis?





Tempo de brincar: caminhos escolhidos

O objetivo último do GT, após pesquisa, leitura e discussões, é a montagem de uma exposição que reflita os temas abordados, que proponha inclusive a continuidade do debate inserindo o público visitante na proposta, a fim de receber seu *feedback* e compreender a recepção das ideias. Neste momento, esta etapa ainda não se concretizou, atualmente encontrando-se no estágio do projeto expográfico.

Feitas as pesquisas, o papel destes brinquedos no museu pareceu se delinear como uma oportunidade importante de valorizar a criança enquanto sujeito nas narrativas do passado. Brookshaw (2010) argumenta que a ausência de crianças em exposições perpetua a ideia de que o passado foi povoado somente por adultos, ou que a passividade e a insignificância marcam o lugar percebido da criança na sociedade, como um sujeito que não **faz** história, apenas a **aprende**.

Por outro lado, crianças e seus objetos têm um apelo forte entre o público adulto, que romantiza e reverencia a infância como um período positivo, povoado por memórias calorosas. Roberts (2006) chega a equiparar museus da infância a exposições somente de brinquedos, nos quais a criança é isolada da realidade adulta em uma terra de conforto e alegrias, ocasionando uma imagem idealizada. Como alternativa, a autora sugere que os aspectos mais positivos, como brinquedos e jogos, sejam balanceados com os menos atrativos, ou seja, a pobreza, a subnutrição e o trabalho infantil – algo que efetivaria um museu mais controverso e provocativo. A limitação das culturas materiais presentes em museus neste sentido é flagrante, contudo, Roberts propõe a utilização de outros métodos expositivos, como reproduções fotográficas e depoimentos em áudio e vídeo.

Contemplado o brinquedo como memória de práticas educativas, história da tecnologia, forma de subsistência de grupos marginalizados, objetos de arte, manifestação de identidades e de sentimentos, o GT optou por interpelar os visitantes mais assíduos do Museu Paranaense: o público em idade escolar. Conduzido pelo Setor de Ação Educativa, um questionário ainda em fase de aplicação vem demonstrando que há um interesse grande das crianças em conhecerem brinquedos ‘antigos’, que seus pais e avôs tiveram. É possível que isso ecoe a percepção do museu como lugar ‘de coisas velhas’ e espaço sagrado do





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.
ISSN: 2178-1761



antigo e do exótico, no qual as crianças são orientadas a caminharem em silêncio, com as mãos nas costas, atentos à mediação e mantendo certa distância.

Em atenção ao interesse manifesto, ainda que este tenha sido cerceado por pré-concepções no que diz respeito ao formato tradicional dos museus, o GT propôs uma expografia que contemple o brinquedo do/no museu, além de questionar de onde vêm estes brinquedos, enquanto produtos artesanais ou industrializados. Com a exposição da variedade do acervo, em termos de matéria-prima, formas de brincar, cores, tamanhos e épocas, impõe-se a recomendação de Breier (2005) de dar historicidade aos objetos, substituindo a mera contemplação pelo incentivo ao pensamento crítico.

Tal incentivo deverá ser estimulado por meio da transposição e da problematização dos significados que permeiam os objetos e imagens selecionadas: meninos e suas figuras de ação musculosas, ensinando a bravura e oferecendo um escape ao comportamento agressivo; meninas e bonecas que orientam a maternidade, a higiene pessoal e o romance (EDWARDS, 2010). A atribuição dos papéis de gênero, a propósito, é um dos aspectos mais interessantes a serem explorados neste conjunto material específico, determinado por trens elétricos e conjuntos mecânicos com meninos retratados em seus manuais e numerosos jogos de chá de porcelana de fabricação nacional e estrangeira, associados à atenção à hospitalidade e à etiqueta.

Para concluir, cabe destacar os pontos nos quais o novo conjunto de brinquedos fez convergir o olhar aos objetos preexistentes no acervo do Museu Paranaense: quais crianças eram estas, no Paraná do século XX? Filhos de imigrantes, de ascendência europeia, com boas condições financeiras e acesso à produção mais recente das indústrias de brinquedo internacionais eram a norma? Partindo do pressuposto que a resposta é negativa, ainda que não tenham sido conduzidos estudos estatísticos da população no período, algumas soluções foram encontradas como forma de incluir na exposição pequenos pontos de provocação. A predominância de brinquedos de fabricação industrial poderia supor uma sucessão linear que substituiu e eliminou a produção artesanal, entretanto,

O avanço da industrialização não causou apenas opções novas em brinquedos mais modernos, mas também uma diferenciação na criação





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.

ISSN: 2178-1761



dos brinquedos populares que adquiriram uma característica até então inovadora em sua construção: peças manufaturadas utilizando já produtos industrializados. A união do tradicional e o moderno no mesmo objeto. (...) Um exemplo desta inovação é a peteca, que mesmo a que é feita à mão, utiliza-se a borracha e penas sintéticas (CARVALHO; STORI; MOSANER Jr., 2014, p. 10).

Ainda que o museu não possua em seu acervo exemplares como a peteca mencionada, um objeto como este é facilmente confeccionado e pode resultar em um elemento de contraste interessante numa vitrine de brinquedos de fabricação complexa e atribuição gendrificada. Outrossim, esta solução de hibridismo nas matérias-primas compõe não apenas os brinquedos populares, como também muitos brinquedos indígenas confeccionados em beiras de estrada como formas de sobrevivência, à venda para turistas que não necessariamente vão utilizá-los como brinquedos, considerando-os artesanato.

Brinquedos indígenas, além disso, são abundantes no acervo etnográfico do Museu Paranaense, permitindo que bonecas Karajá e miniaturas de animais em cera de abelha ou madeira sejam inseridos entre as bonecas de porcelana e os soldadinhos de chumbo montados em camelos. Por que não aproveitar a oportunidade e pensar nos grupos indígenas que tem sua própria concepção de infância, com seus próprios significados e culturas materiais?

Por fim, a proposta deste GT se resume em demonstrar as possibilidades encontradas na busca por alternativas aos formatos narrativos tradicionais que caracterizam alguns museus históricos, tomando por base um trabalho ativo de pesquisa de acervo aliado a discussões bibliográficas e intercâmbios disciplinares. Dessa forma, os circuitos cronológicos, exemplificados por cenários estanques higienizados e idealizados dão lugar ao conflito, à problematização de aspectos nem sempre positivos e ao uso de outros elementos associados à cultura material encontrada no acervo. Como se trata de um projeto inacabado, este texto não apresenta um estudo de recepção que sinalize ajustes ou novos caminhos a serem trilhados no futuro, porém, a introdução de novas concepções expográficas e o acolhimento da proposta como experiência evidenciam o quanto o Museu Paranaense tem se mostrado aberto a atender as necessidades de um público cada vez mais participativo e crítico.





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.

ISSN: 2178-1761



Agradecimentos

Este trabalho não teria sido viabilizado sem a contribuição essencial dos participantes do Grupo de Trabalho em Cultura Material e Infância, em especial os envolvidos na fase das discussões bibliográficas: Alexandre Cozer, Denise Haas, Douglas Scirea, Gustavo Anderson, Jamile Silva, João Carlos Coronel, Kamila Bach, Lorena Pantaleão, Neusa Cassanelli, Raíza Luara da Silva e Willian Funke. Da mesma forma sou grata ao diretor do Museu Paranaense, Renato Carneiro Jr., pela possibilidade e o compromisso de levar a ideia adiante, e à Tatiana Takatuzi, Ellen Nascimento, Janaik Helcias, Gerson Tuleski Jr. e Flaviane Silva por seu envolvimento fundamental na fase da exposição.

Referências bibliográficas

BREIER, Ana Claudia Bôer. *Museus infantis: uma questão contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BROOKSHAW, Sharon. The archaeology of childhood: a museum perspective. *Complutum*, v. 21, n. 2, p. 215-232, 2010.

CARVALHO, Liliane Afonso Pereira de; STORI, Norberto; MOSANER Jr., Eduardo. Brinquedo popular brasileiro das brincadeiras para os museus. *Revista Digital Art&*, ano XII, n. 15, p.?, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-15/11.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2015.

CASTRO, Michele G. Bredel de. Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções. ANAIS DO 16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf> Acesso em: 29 nov. 2014.

EDWARDS, Sally. Why study dolls? In: EDWARDS, Sally. *Beyond child's play: sustainable product design in the global doll-making industry*. New York: Baywood Publishing, 2010, p. 1-9.





XII JORNADA DE HISTÓRIA CULTURAL

História, Cultura e Imagem

Porto Alegre (RS), 14 e 15 de agosto de 2015.
ISSN: 2178-1761



FERREZ; Helena Dodd; Maria Helena, BIANCHINI. *Thesaurus para acervos museológicos*. 1º volume, ordem sistemática. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, 1987.

GUEDES, Ângela Cardoso. Empatia imediata, elo entre gerações: coleções de brinquedos no museu. In: BITTENCOURT, José Neves; BENCHETRIT, Sarah Fassa; TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (ed.) *História representada: o dilema dos museus*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, p. 135-142

_____. Brinquedos: por uma política de aquisição. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 36, p. 25-40, 2004.

KOPYTOFF, Igor. The cultural biography of things: commoditization as process. In: BUCHLI, Victor (ed.) *Material culture: critical concepts in the social sciences*, vol. 2. London, New York: Routledge, 2004, p. 211-235.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira. A apropriação do brincar como instrumento de disciplina e controle das crianças. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.81-91, abr. 2007.

PEREIRA, Rita Maria Ribes. Uma história cultural dos brinquedos: apontamentos sobre infância, cultura e educação. *Revista Teias*, v. 10, n. 20, [s.p.], 2009. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/download/444/388>> Acesso em: 28 mar. 2015.

POMIAN, Krzyztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

ROBERTS, Sharon. Minor concerns: representations of children and childhood in British museums. *Museum and Society*, Leicester, v. 4, n. 3, p.152-165, 2006.

ROMERO, Margarita Sánchez. ¡Eso no se toca! Infancia y cultura material en arqueología. *Complutum*, v. 21, n. 2, p. 9-13, 2010.

SOUSA, Roselne Santarosa de; MELO, Maria de Fátima de Queiroz e. Resgate de dois objetos lúdicos: seguindo o caminho do pião e do bilboquê. ANAIS DO XV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO. Faculdade Integrada Tiradentes, 2009. Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/248.%20resgate%20de%20dois%20objetos%20DA%20adicos.pdf> Acesso em: 4 abr. 2015.

TAVARES, Regina Márcia Moura. *Brinquedos e brincadeiras: patrimônio cultural da humanidade*. Campinas: Pontes, UNESCO, 2004.

VOLPATO, Gildo. Jogo e brinquedo: reflexões a partir da teoria crítica. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 217-226, dez. 2002.

